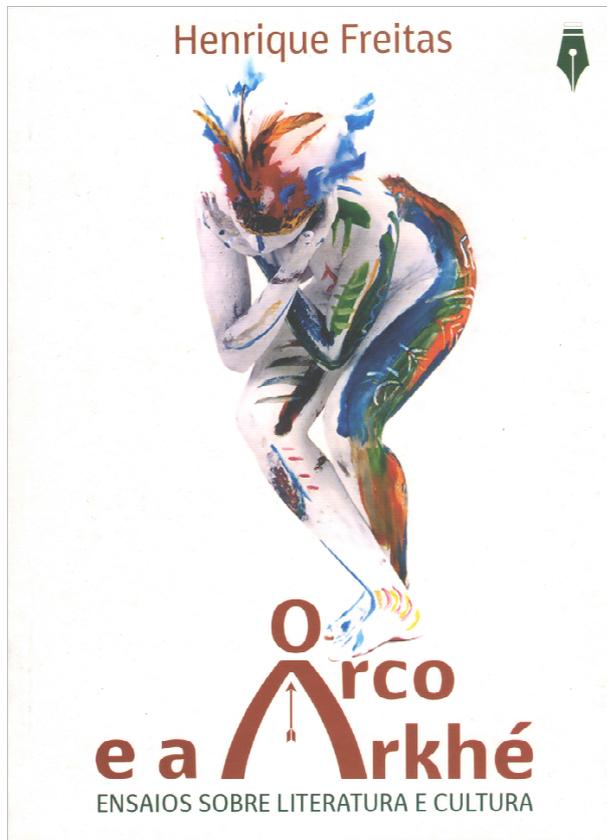


No meio da palavra as possibilidades

Edimilson de Almeida Pereira*



De início, chama a atenção no presente livro de Henrique Freitas a ênfase na relação estabelecida entre literatura e cultura. Não deveríamos estranhar o destaque conferido a essa relação seminal, não fosse a crescente dissociação que se observa, em nossas experiências cotidianas, entre os fenômenos e os contextos sociais em que são gerados. Tal dissociação, justificada por uma espécie de ordem natural dos acontecimentos é, no fundo, o resultado de construções sociais cujos agentes podem ser identificados em sua atuação objetiva e ideologicamente orientada. Se nos guiamos por essa vertente, que nos permite atribuir a agentes concretos a responsabilidade por ações igualmente concretas, pode-se considerar que a gradativa e intencional dissociação entre fenômeno e contexto é uma consequência dos abalos provocados na cadeia das

grandes narrativas: estas, em linhas gerais, sucumbem à exacerbação do individualismo e à ascensão de um modelo social em que o cliente consumista se sobrepõe à valorização do sujeito e de suas vinculações comunitárias. Nesse ambiente fraturado, a literatura, assim como a atividade política e intelectual, a experiência místico-religiosa ou a experiência encantatória do lúdico – salvo as exceções – estremece à beira do pragmatismo e do senso utilitário.

As comunidades afrodiáspóricas – mantidas historicamente à margem dos circuitos sociais com mais acesso aos sistemas de representatividade política, de empreendimento econômico e de intervenção cultural – sofrem de maneira mais agressiva os efeitos da ruptura acima mencionada. Talvez, por isso, as respostas dessas comunidades tenham sido, desde há muito, articuladas como tentativa de interpretação do mundo e do sujeito levando-se em conta uma lógica da diferença. Ou, como pontua Henrique Freitas, a partir de uma lógica em que a perspectiva da “*Arkhé* como tradição eurografocêntrica” é posta em diálogo com a perspectiva do xirê, percebido “como tradição viva que evoca outra *Arkhé* para dar conta das tensões e contribuições da literatura-terreiro como campo da literatura negra que dilata os sentidos convencionais de uma literatura brasileira.” E, diríamos, também, como outra *Arkhé* que fundamenta as demais práticas sociais de uma parcela expressiva de sujeitos os quais, sendo afrodescendentes ou não, modulam suas vozes identitárias a partir de uma epistemologia afrodiáspórica.

Contudo, as investigações de Henrique Freitas – alinhadas com as proposições de outros analistas (e aqui, com a devida licença de tantos nomes importantes, nos

limitamos aos trabalhos críticos desenvolvidos por Eduardo de Assis Duarte, Florentina Souza, José Jorge de Carvalho, Leda Maria Martins e Antonio Risério) – demonstram que o reconhecimento restrito da interferência da epistemologia afrodiáspórica em nossos procedimentos culturais deve-se ainda à hesitação com que nos aproximamos “das experiências éticas e estéticas que as gnoses indígena e afro-brasileira (africana e negro-brasileira) nos oferecem”. Tal fato – resultante de mecanismos ideológicos que sustentam a exclusão étnica, política, social e econômica do sujeito afrodiáspórico – nos inclina a pensarmos a configuração de uma ideia de nação e de cultura brasileiras caracterizada, simultaneamente, por um sinal de menos (indicador da recusa que manifestamos, de forma intencional ou não, em relação às matrizes de origem africana) e por um sinal de multiplicação (provocador do desejo que manifestamos de vivenciar a ductibilidade do domínio cultural afrodiáspórico).

O conjunto de ensaios propostos em *O arco e a arkhé*, além de reiterarem as críticas à cultura brasileira como sinal de menos (sobretudo quando esta tangencia, por conveniência, os domínios culturais indígenas e populares), investigam e expõem, sob a forma de uma lógica de pensamento e ação, as possibilidades da cultura brasileira tecida pelo viés da pluralidade e das interações entre as diferenças. Sob esse aspecto, a ductibilidade do domínio cultural mencionado anteriormente é realçado a partir de suas variantes locais e, sob o impulso dos confrontos e negociações sociais, desdobra-se em reconfigurações de caráter global. A consequência imediata desse enredo, como bem demonstra o trabalho de análise e de criação literária de Henrique Freitas, é a articulação de uma epistemologia outra, cujas proposições negociam, num cenário tenso, com a epistemologia da Arkhé eurografocêntrica. Dentre tais proposições, sobressaem conceitos-denúncia como “pilhagem epistemológica” e análises-manifesto que apostam num abalo crítico nas áreas da teoria, da crítica e da historiografia literárias em consequência da inserção, em seus núcleos, de novos temas-e-problemas. Além disso, a epistemologia outra nos insta a projetar essas e outras proposições, desenvolvidas ao longo do livro (a exemplo de “literatura-terreiro”, “filosofar desde o corpo”, “etnoescrituras” e “afro-rasuras”), como sonares para percebermos as realidades brasileiras, considerando-as a partir de suas alteridades e não apenas de padrões identitários dominantes. Há muito para dizermos sobre *O arco e a arkhé: ensaios de literatura e cultura*, no entanto, abreviamos essa apresentação cientes de que na pausa, no meio da palavra, residem as possibilidades do movimento. A leitura de *O arco e a arkhé* coloca-nos diante de um conjunto de análises inovadoras, que nos instigam a reinventar, com ternura e coragem, o nosso olhar sobre as culturas brasileiras, em geral, e sobre a nossa paisagem literária, em particular. Longe de ser um manual, resolvido em suas prescrições, este livro de Henrique Freitas se oferece às leitoras e aos leitores como uma provocação à nossa capacidade de pensarmos e de vivermos, sob outras perspectivas, o que julgávamos ser o pensamento e a vida.

Juiz de Fora,
primavera de 2016.

Referência

FREITAS, Henrique. *O arco e a arkhé: ensaios sobre Literatura e Cultura*. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2016.

* Pesquisador e poeta premiado, Edimilson de Almeida Pereira é professor titular da Faculdade de Letras na Universidade Federal de Juiz de Fora. Possui Doutorado em Comunicação e Cultura e pós-doutorado em Literatura Comparada. Autor, entre outros, do volume teórico-crítico *Malungos na escola* (Paulinas, 2007) e organizador, entre outros, de *Um tigre na floresta de signos* (Mazza, 2010).